

via lateral



revista de arte e cultura . 1 maio/junho 2017 R\$ 2,00

sabedoria oriental

o caminho

Lao Xing Ziu disse: Todas as pessoas querem chegar ao destino, mas poucas querem percorrer o caminho. O destino é a meta, o ponto de chegada, o fim do caminho. Há gente que crê poder chegar ao destino sem percorrer o caminho. Essas pessoas se enganam: nunca chegam, nunca partem, nunca saem do lugar onde estão. Por isso, pensam ter percorrido o caminho, mas não vão a lugar nenhum.

Só no caminho se encontra a felicidade. Não há graça no destino, como não há graça em beber um copo d'água quando não se tem sede. Os ansiosos e os apressados não comem cru, como se costuma dizer. Na verdade, eles comem frio. Não há vitória sem luta, não há meta sem caminho.

Por que essa pressa, então? Por que essas pessoas nunca querem ouvir, nunca querem aprender? Já disse: porque acreditam poder chegar ao destino sem percorrer o caminho. Mas essa crença é falsa. As coisas que se parecem não são iguais, e o ponto de partida e a meta só se parecem porque pertencem a mesma pessoa. Mas quem quer ser feliz precisa saber percorrer o caminho e reconhecer a meta. Precisa saber que andou e que andou em direção ao destino.

No caminho há pedras, o caminho costuma ser longo e doloroso. Mas

aprender consiste em caminhar. Quem diz: "Quero a resposta", em geral não conhece a pergunta. Para ser feliz é preciso aprender a ser feliz. As perguntas certas são as únicas adequadas para quem quer encontrar as respostas verdadeiras. E as perguntas certas não estão no ponto de partida nem na meta: estão no caminho. Se perguntas: "Isto é um gato?", não obterás resposta se o que levas nas mãos é um cão. Não ouvirás: "Não, isso não é um gato, isso é um cão". Só quando saibas fazer as perguntas, ouvirás a resposta.

Percorre o caminho, então. Tem paciência e espera. Caminha devagar, observa ao teu redor: no caminho da vida o que conta não é a velocidade. Quem percorre o caminho mas não se detém para observá-lo, está perdido. Não goza do caminho, não aprende nada, caminha a esmo, e não porque não tenha uma meta, mas só porque não sabe parar.

Dá, portanto, o primeiro passo. Detém-te nele e observa. Só quando já saibas o que há nele, que coisas tem para te mostrar e o que pode te ensinar, dá o próximo passo. Mas será muito lento!, dizes. Assim, nunca chegarei! E eu te respondo: Só assim chegarás, porque – aprende! – chegar é percorrer o caminho, não é tê-lo deixado atrás. Enquanto não saibas que chegou o

momento de dar o próximo passo, permanece onde estás. Mas, me conheço, pensarei que já é hora de ir! Ah, mas é que, por acaso, já começaste a caminhar?

O destino consiste – não esqueças! – em caminhar corretamente. Quem bebe se sacia enquanto bebe, não depois de ter bebido. Quem estuda aprende enquanto estuda, não depois de ter estudado. O que vem depois de ter estudado é igual ao que vem depois de ter bebido: a saciedade, a espera, outra vez o desejo e de novo a busca da satisfação. Assim é o caminho.

É que acaso não sabes quando tens sede? Acaso sacias a sede com sal? Acaso segues bebendo quando já não há água no copo? Do mesmo modo, saberás também quando hajas esgotado o primeiro passo e cada passo do caminho e quando seja o momento de dar o passo seguinte. Não haverá enganos se realmente te dispões a caminhar. Tudo será muito simples. ■



apresentação

Caro leitor:

Esse folheto que você tem nas mãos é uma revista de criação e divulgação literária, artística, filosófica, etc. Somos conscientes de que um empreendimento desse gênero é sempre difícil, cheio de barreiras que é preciso superar para continuar. Mas, enfim, assim é também a própria vida, como todos sabem, e vontade não nos falta.

A principal ideia que nos move é a de proporcionar um canal de expressão para aquelas pessoas que não encontram muitas oportunidades de expor sua obra: poemas, desenhos, fotos, pinturas, contos, ensaios, crônicas e tudo o mais. Por isso, **Via Lateral** pretende ser uma revista aberta à participação, a sugestões e a propostas. Outro ponto importante é o nosso desejo de oferecer-lhe, leitor, um produto cultural distinto (não por ser melhor que outros, mas por ser diferente), que inclua em suas páginas assuntos e temas, locais ou universais, que não costumam aparecer por aí.

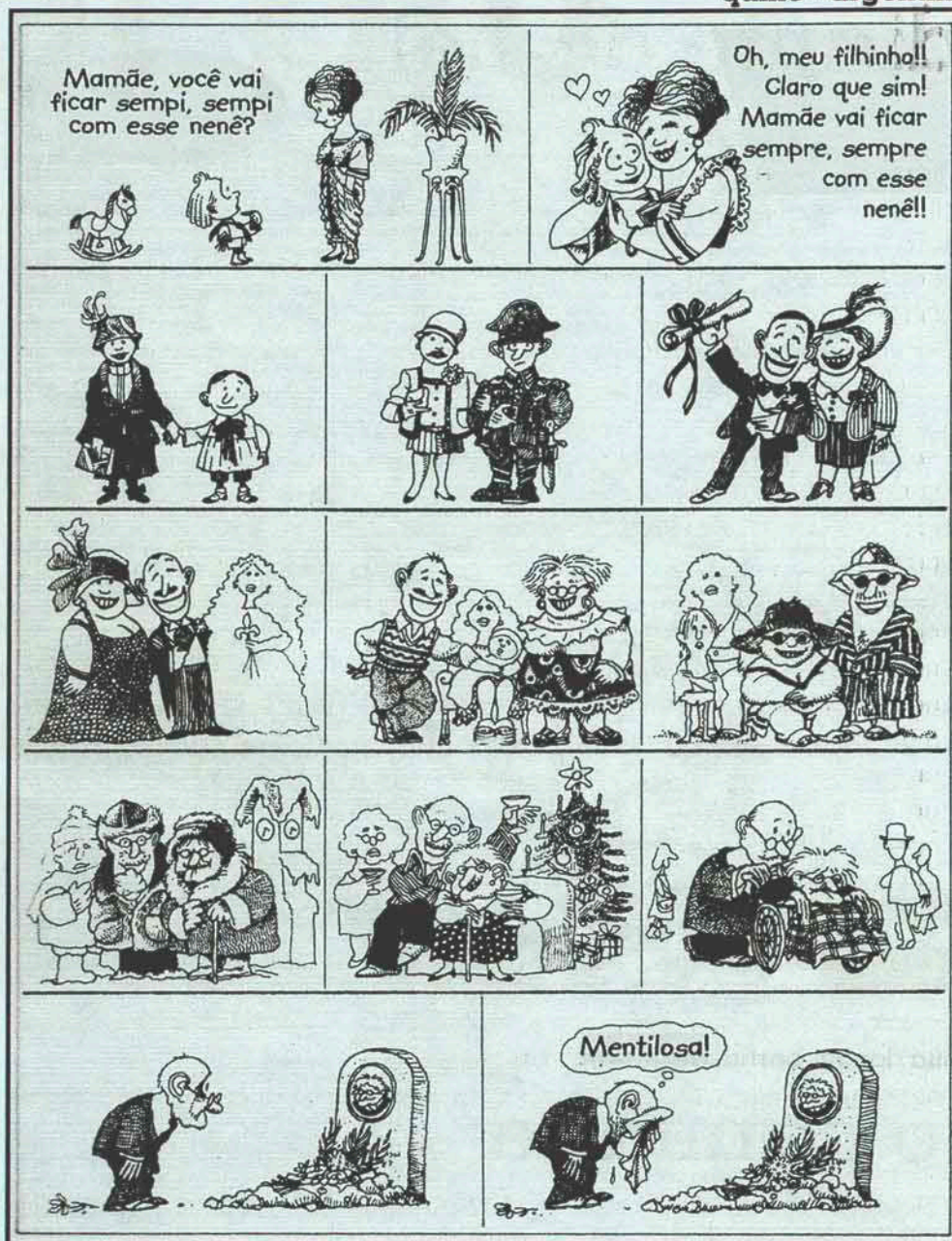
Trata-se de uma iniciativa modesta, de poucos recursos, mas editada com esmero e com a esperança de obter o apoio daqueles que acreditam em coisas desse tipo. Se você gosta de literatura, arte e cultura em geral, participe, leia e ajude a divulgar esse folheto. Ou, se você gostou do projeto e quer patrociná-lo, entre em contato conosco. Não pretendemos (nem podemos, nem queremos) correr pela via principal, a altas velocidades. Vamos devagar, observando o caminho, pela **Via Lateral**. Esperamos que esse primeiro número seja do seu agrado. E contamos com você para que os seguintes possam tornar-se uma realidade e venham, também, parar em suas mãos!

O editor

contatos: revistavialateral@gmail.com

expediente:

colaboram neste número: manuel firmo, w.s. gomes jr., o pausânias; edição e diagramação: w.s. gomes jr.; o envio de qualquer matéria à Via Lateral implica a autorização de sua publicação de forma gratuita, pois a revista não remunera seus colaboradores; as matérias não assinadas são de autoria da redação.



Questão de prioridades...

O sujeito sofre um terrível acidente com sua Ferrari e perde a metade do braço esquerdo. Mas, ao ser retirado pelos bombeiros, grita desesperadamente:

—Que desgraça! Que tragédia! Olhe como ficou o meu carro!

O bombeiro, admirado, pergunta:

—Mas então o senhor perde a metade do braço e fica se lamentando por causa do carro?

E o cara, que só nesse momento percebe a verdadeira dimensão da sua tragédia, olha para o que restou do seu braço e grita, quase chorando:

—Oh, não! Meu rolex! Meu rolex!!

Ristorante e Pizzaria
CAMPECHE

Rui Suliman Duarte

☎ 3233-1717

restaurantecampeche@hotmail.com

ROD.SC 405 N°1225 - Campeche - Florianópolis

EMPÓRIO & PADARIA ORGÂNICA



CASARÃO

PÃES, BOLOS, TORTAS, PIZZA, BISCOITOS, SALGADOS, SANDUÍCHES, ESFIRRAS E EMPANADOS INTEGRAIS E ORGÂNICOS DE PRODUÇÃO PRÓPRIA, FARINHAS, AÇÚCAR, GRÃOS, ÓLEO, TOFU, AVEIA, MASSA, CACAU, CASTANHAS, SUCOS, GELEIAS E MUITO MAIS PRODUTOS ORGÂNICOS

Av. Pequeno Príncipe 1257 - Campeche - Florianópolis - SC
Fone (48) 3237 3077 casarao@gmail.com

www.casarao-organico.com.br



Diana Gomes

PSICÓLOGA CLÍNICA e ESCOLAR

Adultos:

- Situações de crise.
- Dificuldades de relacionamento interpessoal.
- Ansiedades, depressão, angústias, distúrbio do pânico, fobias, medos, inseguranças, traumas.
- Dependência química

Crianças e Adolescentes:

- Dificuldades na aprendizagem.
- Inibições, medos, traumas, fobias, fobia escolar.
- Psicodiagnóstico para segundo professor.
- Orientação profissional.

9 9928 5460

Campeche - Florianópolis

*VALOR DO ACOMPANHAMENTO CONFORME A RENDA

clássicos

franz kafka

diante da Lei

Diante da Lei há um guardião. Um camponês se detém em frente a ele e lhe pede permissão para entrar na Lei. O guardião responde que naquele momento não pode deixá-lo passar. O homem pensa um instante e pergunta-lhe se mais tarde poderá entrar.

—É possível —diz o porteiro—. Mas não agora.

A porta da Lei está aberta, como é o costume. Quando o guardião se coloca um pouco de lado, o homem se inclina para espiar. O guardião o observa, ri e lhe diz:

—Se é tão grande o teu desejo, tenta entrar, apesar da minha proibição. Mas, lembra-te de que é grande o meu poder. E eu não sou mais que o último dos guardiões. Entre cada salão há outros guardiões, cada qual mais poderoso que o outro. O terceiro guardião é já tão terrível que eu nem sequer posso suportar o seu aspecto.

O camponês não havia previsto estas dificuldades. A Lei deveria ser sempre acessível a todos, pensa; mas ao observar com atenção a aparência do guardião, com seu casaco de pele, seu nariz grande e aquilino, sua longa barba de tártaro, rala e escura, chega à conclusão de que é mais conveniente esperar. O guardião lhe oferece um banquinho, e lhe permite sentar-se perto da porta. Ali o camponês espera dias e anos. Infinitas vezes tenta entrar, cansando o guardião com suas súplicas. Frequentemente, o guardião mantém

com ele breves diálogos, pergunta-lhe sobre o seu povoado e sobre muitas outras coisas; mas são perguntas desinteressadas, como as que fazem os grandes senhores, e, para terminar a conversa, sempre lhe repete que ainda não é possível deixá-lo entrar. O homem, que se havia provisto de muitas coisas para a viagem, sacrifica tudo, por mais valioso que seja, para subornar o guardião, que, por sua vez, aceita tudo, dizendo:

—Aceito-o, para que não penses ter omitido nenhuma possibilidade.

Durante esses longos anos, o homem se mantém continuamente atento ao guardião. Esquece-se dos outros, parecendo-lhe que este é o único obstáculo que o separa da Lei. Nos primeiros anos, pragueja contra sua má sorte, temerariamente e em voz alta; mais tarde, a medida que envelhece, apenas resmunga para dentro de si. Retorna à infância e, posto que em sua longa contemplação do guardião chegara a conhecer inclusive as pulgas do seu casaco de pele, suplica também às pulgas que o ajudem e convençam o guardião. Por fim, sua vista enfraquece, e já não sabe se realmente há menos luz ou se o enganam seus olhos. Porém, em meio à escuridão percebe um resplendor, que brota inextinguível da porta da Lei. Já lhe resta pouco tempo de vida. Pouco antes de morrer, os inúmeros acontecimentos desses longos anos se confundem em sua mente,

formando uma única pergunta, que até então não fora capaz de formular. Faz um sinal ao guardião para que se aproxime, pois a cercania da morte enrijece o seu corpo. O guardião precisa agachar-se muito para falar com ele, porque a diferença de estatura entre ambos aumentara com o passar do tempo, para maior envilecimento do camponês.

—O que é que queres saber agora? —pergunta-lhe o guardião—. Nunca estás satisfeito!

—Todo mundo se esforça para chegar até a Lei —diz o homem—. Como é possível, então, que durante todos esses anos ninguém, além de mim, tenha tentado entrar?

O guardião compreende que o homem está à beira da morte, e para que seus debilitados sentidos possam entender suas palavras, grita-lhe ao ouvido com voz ensurdecadora:

—Ninguém podia sequer pretender entrar; essa porta era somente para ti. E agora vou fechá-la. ■

Franz Kafka nasceu em Praga (cuja silhueta ilustra esse conto), em 1883, no seio de uma família judia. Muito embora tenha publicado em vida apenas um livro de contos e a novela *A metamorfose*, sua obra é sem dúvida uma das mais inquietantes, sugestivas e influentes de toda a literatura universal. De saúde frágil, Kafka morreu em 1924, um mês antes de completar 41 anos de idade. Graças a essa morte prematura, porém, pôde escapar aos horrores do nazismo e ao trágico destino de suas irmãs e de muitos de seus amigos e parentes.



Feira Orgânica aos sábados

- | | |
|----------------------------|--------------------------|
| ☞ GRÃOS E CEREAIS | ☞ BISCOITOS |
| ☞ DIET E LIGHT | ☞ PÃES INTEGRAIS |
| ☞ SUPLEMENTOS | ☞ FRUTAS SECAS |
| ☞ ERVAS MEDICINAIS | ☞ MEL E DERIVADOS |
| ☞ SEM GLÚTEN E SEM LACTOSE | ☞ SEMENTES E OLEAGINOSAS |
| ☞ ORGÂNICOS | ☞ FLORAIS DE BACH |

Av. Pequeno Príncipe, 2072 . Campeche . (48) 3338.2893 WWW.REDECIADASAUDE.COM.BR

conto

w. s. gomes jr.

almas gêmeas

Antonino Pio e João eram muito amigos. Ainda adolescentes tinham feito aquele pacto romântico de ser amigos até o final dos tempos, amigos fiéis, de amizade inquebrantável, tipo Batman e Robin, o Gordo e o Magro, Mickey e Pateta. Mas, como já se sabe, no Brasil esse negócio de amizade firme entre dois homens não dá filme. Nem novela. Nem série. Nem mesmo gibi. No máximo, pode dar escândalo.

Mas, enfim, o fato é que João e Antonino tinham almas gêmeas, em todos os sentidos. Andavam sempre juntos, torciam pelo mesmo time, gostavam das mesmas coisas, até se vestiam meio parecido. Eram tão unidos que quando pela primeira vez surgiu uma mulher entre eles, ela teve que optar entre ficar com os dois ou com nenhum. E embora essa primeira mulher — Vanília — escolhesse a segunda alternativa, depois de algum tempo começaram a surgir algumas que aceitavam a primeira. O único inconveniente era que essas cobravam.

Finalmente, um belo dia, João e Antonino encontraram a mulher dos seus sonhos. Ou melhor: as mulheres dos seus sonhos. Sim, duas mulheres, duas almas — como as deles — gêmeas. Helen e Solange Maria. Gostavam das mesmas coisas, torciam pelo mesmo time, se vestiam meio parecido, etc. Estavam — como eles — procurando quem as entendesse. Pareciam ter nascido os quatro para os quatro. O problema, porém, era saber quem para quem.

João sugeriu um sorteio, ideia que Antonino Pio aceitou na hora, mas que Solange Maria e Helen negaram quase numa só voz. Por fim, acabaram decidindo que a Helen casaria com o João e a Solange Maria com o Antonino Pio. O critério foi o nome composto. A ideia foi da Solange Maria, mas logo a Helen e o João se somaram a ela e pronto. Só o Antonino Pio ainda alegou que justamente porque tudo entre eles era na base do parecido com o parecido, talvez deveriam provar o diferente, um nome composto com um simples e, depois, se não desse certo, trocavam... Mas não adiantou, a decisão já estava tomada.

— Você quer ensaiar uma novidade dessas justamente no



o gordo e o magro

que é mais importante? — protestou a Solange Maria.

Prevaleceu o critério estabelecido por elas: o João se casou com a Helen e o Antonino Pio com a Solange Maria. Mas, no fundo, os verdadeiros parceiros continuaram a ser o Antonino Pio e o João, por um lado, e a Helen e a Solange Maria, por outro. Almas gêmeas. Aliás, as disputas, mesmo depois de casados e cada casal com seu respectivo par de menino e menina já crescidos, sempre fizeram vir à tona os verdadeiros emparelhamentos. Em casa, se alguém fazia uma proposta, por exemplo, de passar as férias em Búzios, em vez de em Parati, o outro respondia:

— Sei não, acho que o Antonino não vai querer... — dizia o João.

— É, acho que a Solange também não — completava a Helen.

Um dia, porém, Antonino Pio e Helen desapareceram. Não os dois de nome mais comprido, nem os de nome mais curto. Um de cada lado, um de cada casal. O Antonino Pio e a Helen, o marido da Solange Maria com a esposa do João.

— Não nos precipitemos — ainda disse a Solange, para não se desesperar. — Que eles tenham desaparecido ao mesmo tempo não quer dizer que tenham desaparecido juntos.

— Não, claro que não — concordou o João. — Não é obrigatório. É só mais do que provável.

Fosse mais ou menos provável, o fato é que era óbvio. E eles sabiam.

— Assim, sem avisar, sem deixar a menor pista — lamentou a Solange Maria.

— É. Como se tivessem sido abduzidos.

— Abduzê?

— Abduzidos. Levados por um disco voador — explicou o João.

— Ah, não, isso não. Discos voadores não existem.

— Claro que existem.

— Não, não exis... Escuta, João, não vai me dizer que o Antonino também acredita nessas bobagens e nunca me disse!

— Claro que acredita — confirmou o João. — Senão você acha que eu ia acreditar?

— Bom, agora não interessa. Eles estão escondidos em algum lugar.

— Que traição! Não esperava isso do Antonino Pio — choramingou o João.

— É. Que traição! Não esperava isso da Helen — choramingou a Solange Maria.

João abandonou o trabalho, deixou o negócio de inseticidas, que tantos anos de sacrifício havia custado (a ele e ao Antonino), entregue às moscas, e começou a beber água de coco. Só água de coco. Solange Maria fechou a loja de produtos macrobióticos dela e da Helen e começou a comer arroz branco, pão branco, açúcar branco, carne vermelha e toneladas de doces. Mas não se viam muito. E quando por acaso se encontravam, era como se não se conhecessem. Lançavam um recíproco olhar de despeito que parecia dizer "A culpa de tudo isso é sua", e seguiam adiante.

As crianças não queriam nem saber. Aliás, tinham deixado de ser crianças muito antes da desapareição do pai de umas com a mãe das outras e saíram de casa na primeira oportunidade que tiveram. A essa altura, a que morava mais perto morava em Fortaleza — Fortaleza de Marcos, em Portugal. E João e Solange, sozinhos, esqueceram (ou esconderam) as mágoas e acabaram se aproximando. Nunca houve nada íntimo entre eles, mas passavam boa parte do tempo juntos, de bar em bar, o João bebendo água de coco, a Solange Maria empanturrando-se de doces.

tédio (c. 1914)
walter sickert

Um dia, como era de se prever, Helen e Antonino Pio reapareceram. Mesmo os abduzidos um dia acabam regressando. João e Solange Maria estavam num boteco de Copacabana, Solange devorando um enorme pedaço de torta de chocolate, João bebendo uma água de coco de caixinha. De repente a Solange viu se aproximar um casal e entre uma garfada e outra percebeu que eram eles.

— Olha lá — gritou, sacudindo o João pelos ombros.

João esfregou os olhos, pensando que devia ter bebido demais, mas lembrou que só bebia água de coco. Mesmo assim, não podia acreditar. O que será que andavam botando na água de coco?

— São eles! — gritou de novo a Solange Maria.

No início até se alegraram. Mas logo viram que o casal caminhava de mãos dadas e aí... De novo aquela pontada no peito, aquela dor pela traição. E os traidores não passaram direto, não. Claro que ninguém se beijou, mas se cumprimentaram, sorriram... Os abduzidos pareciam felizes. Deviam estar passando bem em marte. E pareciam saudáveis, também: Helen com a pele bronzeada e um sorriso brilhante, Antonino Pio do

mesmo jeito, até com certo charme. Pareciam dois apresentadores de telejornal ao voltar das férias. Já haviam passado mais de cinco anos, mas não para eles.

João e Solange Maria tentaram fingir indiferença, fingir que não estavam magoados, mas, no fim, depois de saber que os dois estavam morando em Fortaleza (no Ceará), tinham dois filhinhos gêmeos (um menino e uma menina), eram felizes e não havia a menor possibilidade de que as coisas voltassem a ser como eram antes, deixaram cair os braços, resignados. Mas a antiga dor aflorou.

— Não esperava isso de você — disse a Solange Maria, olhando nos olhos de Helen.

— Não esperava isso de você — disse o João, olhando nos olhos do Antonino Pio.

Helen e Antonino também se olharam.

— Vocês deviam ter nos ouvido — disse o Antonino Pio, depois.

Solange Maria e João não entenderam.

— Vocês não perceberam, quando fizemos o emparelhamento, que eu preferia juntar nome composto com nome simples? Quero dizer, eu e a Helen e vocês dois.

— É, agora eu me lembro — disse o João. — Mas, então, por que você acabou aceitando?

— Para não te magoar, João. Eu percebi que você também preferia a Helen... Era lógico. Sempre preferimos a mesma...

— É. Almas gêmeas — suspirou o João, com um pouco de orgulho.

— Almas gêmeas — concordou o Antonino Pio, com o mesmo orgulho.

— E você, Helen? — interrompeu Solange Maria. — Você também preferia o Antonino Pio?

Helen deu de ombros. O que se podia fazer? O amor não obedece regras. Solange Maria cobriu o rosto com as mãos.

— Eu devia ter percebido — disse. — Sempre preferimos o mesmo homem.

— A vida é assim — concluiu o Antonino, com vontade de encerrar logo aquele assunto.

Claro, a vida é assim. E como a vida é assim, logo depois desse encontro, Helen e Antonino Pio foram abduzidos de novo. E dessa vez para sempre.

Um dia, enquanto o João bebia uma água de coco e ela comia uma fatia de Marta Rocha numa lanchonete de Ipanema, Solange Maria suspirou.

— Me diga, João: de quem você gostava mais, da Helen ou do Antonino?

João não respondeu diretamente. Falou olhando para a orelha de Solange Maria:

— E você? Você gostava mais do Antonino ou da Helen?

Como resposta, Solange deu uma garfada na Marta Rocha.

— Seilá — disse.

— Pois é — concluiu o João. — Seilá, também.

Depois fez um gesto indeciso com a cabeça, fitou com o olhar vazio o movimento da rua lá fora e deu uma chupada distraída no canudinho. Mas a água de coco tinha acabado. ~



John de Mirfield (1362-1407), bibliotecário e médico do hospital de São Bartolomeu, em Londres, dava o seguinte conselho aos seus discípulos: «Se houver alguma dúvida com respeito a se uma pessoa está ou não está morta, deve-se colocar pedaços de cebolas um pouco assadas nas entradas das narinas; se estiver viva, a pessoa imediatamente começará a coçar o nariz.» ●

Em 1584, **Giordano Bruno**, monge e filósofo neoplatônico italiano, em seu livro *De infinito universo e mondi* («Sobre o universo infinito e os mundos»), não só defendia a ideia de que a terra girava em torno do sol, conforme a teoria heliocêntrica de Nicolau Copérnico, como ainda afirmava que não existia apenas um sol, e sim muitos, e que o universo não tinha centro: «Existem inumeráveis sóis, e inúmeras terras giram ao redor desses inúmeros sóis, do mesmo modo como giram os sete planetas ao redor do nosso sol. Seres vivos habitam esses mundos». Ao ser acusado de heresia, Giordano Bruno não renegou de suas ideias (como mais tarde o faria Galileo Galilei, para evitar o mesmo destino) e, em 1600, foi queimado vivo. Sua fé na vida eterna, porém, levou-o a declarar diante dos juízes: «Seu medo de emitir uma sentença, juízes, parece maior que o meu de recebê-la.» ●



giordano bruno (1548-1600)

Konstantin Tsiolkovsky (1857-1935) foi um pioneiro russo da pesquisa espacial. Conta-se que visitou Paris no final do século XIX, quando a famosa Torre Eiffel era ainda uma estranha novidade. Inspirado nela, o cientista russo ideou a construção de uma enorme torre que chegasse ao espaço sideral. Dentro da torre, um elevador poderia levar os passageiros a uma altitude de 35.790 quilômetros! Muito tempo passou, desde aquela época, e a ideia que parecia uma extravagância tornou-se uma possibilidade real. Várias propostas de elevadores espaciais já foram elaboradas, entre as quais as mais recentes incluem nano-tecnologia de carbono e algumas são até apoiadas pela NASA, a agência espacial norte-americana. Em todo o

mundo, diversos grupos de cientistas continuam a trabalhar nesse âmbito, tentando superar as dificuldades e limitações dos conhecimentos atuais. Em 2008, um conglomerado de companhias e universidades japonesas anunciou que poderia construir um verdadeiro elevador espacial. O problema, no entanto, é achar quem esteja disposto a financiar a mirabolante proposta, já que os ideadores do projeto estimam o custo do elevador em cerca de 7,5 bilhões de dólares... ●

histórias de santa catarina

crianças indígenas capturadas na serra

jornal «A evolução»

(lages, 15 de novembro de 1905)

BUGRES

À última hora soubemos que a expedição ultimamente enviada ao sertão, a fim de afugentar os selvícolas, conseguiu batê-los nas proximidades da Serra das Pombinhas, na estrada da serra à Blumenau, aprisionando dez ou doze bugres menores e dois bugres adultos.

Ao regressarem, os expedicionários foram batidos pelos selvícolas, que flecharam o cidadão Ignácio Castanheiro, falecendo este na manhã seguinte. Os selvícolas aprisionados são da tribo dos Coroados, o que vem confirmar a suposição de que com efeito pertencem à colônia indígena de Palmas. ■



Índios xokleng, que habitavam grande parte do território catarinense.

memória e história

A história de Santa Catarina tem páginas que ficaram esquecidas na memória, mas que permanecem abertas nas bibliotecas e arquivos públicos, hoje tão descuidados por aqueles que deviam zelar pelo nosso patrimônio. Índios, ciganos, mulheres, negros, crianças e outros grupos sociais, cuja história lentamente começa a ser contada, esperam pacientemente que historiadores, antropólogos e outros estudiosos os salvem do esquecimento, antes que as traças e os cupins acabem de uma vez por todas com aquilo que nem o tempo nem o descaso conseguiram ainda apagar. Nessas páginas, vamos tentar oferecer uma modesta contribuição à memória coletiva do nosso povo. ■

curiosidades históricas

café do Brasil?



O «café» —não a bebida, mas o lugar onde as pessoas se reúnem para conversar e bebê-la— não é, como muita gente poderia pensar, uma invenção parisiense ou londrina, mas sim turca. Os primeiros cafés surgiram nas grandes cidades do Império Otomano ao longo do século XVI. Intelectuais e políticos contrários ao governo se reuniam para trocar ideias ou preparar atividades subversivas.

De lá, os cafés logo se difundiram pela Europa e, durante o revolucionário século XVIII, tornaram-se o ponto de encontro preferido de filósofos, cientistas, políticos, artistas e burgueses.

Nos cafés de Paris, Florência ou Londres, as novas ideias e ideais «iluministas», que pretendiam explicar e mudar a sociedade seguindo os princípios da razão e da ciência, brilhavam com luz própria.

À diferença das «tabernas» e «pousadas», que se voltavam mais para a alimentação, os cafés se especializaram no oferecimento de bebidas, especialmente a que lhes deu o nome. A freguesia de um café não costumava ter pressa, permanecendo horas no lugar, saltando de uma mesa para outra ou zanzando o tempo

todo pelo salão, como se quisesse demonstrar com o movimento do corpo o dinamismo de sua mente. De fato, é importante lembrar que o café é uma substância saborosa, de aroma agradável, capaz de estimular a imaginação e despertar o intelecto.

Mas não só de filosofia e ciência se falava nesses lugares. Comerciantes, banqueiros, industriais e pequenos burgueses gostavam de conversar e fazer negócios —e, quem sabe, planejar a Revolução— no ambiente agitado e fervilhante de ideias dos cafés, como podemos ver na imagem ao lado, de um café londrino dessa época (observe a habilidade do «garçom»).

Desde então, os cafés se espalharam pelas Américas e pelo resto do mundo, sem nunca deixar de fazer sucesso. Sempre inspiradores, os cafés atuais continuam a reunir os amantes das artes e da cultura em geral ou, simplesmente, aqueles que apreciam um bom cafezinho. ■

filosofia de bolso



«De modo geral, **as mulheres tendem a amar os homens por seu caráter**, enquanto que **os homens tendem a amar as mulheres por seu aspecto**. É preciso ressaltar que nisso os homens se mostram inferiores às mulheres, porque as qualidades que os homens admiram nas mulheres são, em conjunto, **menos desejáveis** que as que as mulheres admiram nos homens. Não me parece que seja mais fácil adquirir um bom caráter que adquirir um bom aspecto; e, no entanto, é fácil observar que **as mulheres se esforçam mais para ser belas que os homens para ser bons**»

Bertrand Russell (1872-1970)

astronomia

tempo e calendário no antigo Egito

Para os antigos egípcios, **Rah**, o poderoso deus-sol, cruzava os céus durante o dia e depois mergulhava na escuridão subterrânea. Combatia nas trevas os inimigos e ressuscitava, ao dia seguinte, com todo o seu esplendor. Assim, dia após dia, desenvolvia-se o ciclo da vida, da luz e da escuridão, do nascimento e da morte.

Debaixo do céu, no entanto, o rio Nilo era quem marcava o ritmo da vida. As cheias periódicas que inundavam e fertilizavam as margens do rio, a retirada das águas, as épocas de semeadura e colheita regiam a atividade agrícola que alimentava a população do país.

Essa percepção de um mundo renovado cada dia e, ao mesmo tempo, marcado por períodos mais ou menos extensos que regulavam o trabalho cotidiano, fez com que os egípcios se preocupassem em estudar o céu e em prever as inundações do Nilo.

Assim, dividiram o tempo em períodos regulares conforme o que acontecia nos céus e o que ocorria sob os seus pés. Inspirado e regulado pelas estrelas, elaborou-se um calendário oficial, administrativo e religioso ao mesmo tempo. E, baseando-se no ciclo das águas, os antigos egípcios criaram outro calendário que controlava os labores agrícolas. É impressionante a precisão com que esse extraordinário povo elaborou não um só, mas dois calendários, embora cada qual tivesse sua própria periodicidade.

O calendário oficial dividia o ano em doze meses de 30 dias cada um. Ao fim de cada ano, adicionavam-se outros cinco dias —chamados **epagomenos**— perfazendo assim 365. O calendário agrícola, ainda mais exato, tinha 365 dias e seis horas.



Zodiaco egípcio reproduzido em papiro. Quatro deusas, auxiliadas por servos, sustentam em seus braços a abóbada celeste.

Como esses dois calendários apresentavam um desajuste entre si, só podiam coincidir a cada 1465 anos. E, de fato, no ano 139 d.C., quando o Egito era já uma província romana e o imperador era Antonino Pio, celebrou-se na cidade de Alexandria —a da famosa biblioteca— o tão esperado «encontro solar», com a emissão de uma moeda comemorativa.

Ambos calendários dividiam o ano em três estações. **Akhet**, que ia de meados de julho a outubro, era o período de cheias do Nilo. A estação seguinte, chamada **Peret**, durava até fevereiro. Nesse época do ano as águas se

retiravam, os camponeses preparavam a terra e a semeavam. A última estação se chamava **Khemu**. Era a melhor de todas, porque se realizavam a colheita e as grandes festas populares.

Os egípcios adquiriram e conservaram, ao longo de muitos séculos, um rico patrimônio de conhecimentos astronômicos. Entre outros grandes feitos, determinaram com bastante precisão o Polo Norte e deram nome a estrelas, constelações e planetas. Além disso, dividiram o dia em 24 horas, cada uma das quais era representada pela figura de uma mulher. ■

flora e saúde

Cavalinha
equisetum giganteum

A cavalinha cresce em hastes ou canas, como varas de bambu em miniatura. Uma característica notável da cavalinha é que ela não deve ser consumida pelo gado *vacum*, pois pode provocar diarreia, fraqueza e até aborto. No entanto, não afeta aos cavalos, fato este que talvez tenha dado origem ao nome popular —“cavalinha”— deste *equisetum*.

O uso ornamental da cavalinha é muito difundido. O que não é de se estranhar: sua beleza é evidente. No entanto, seu cultivo deve ser cuidadoso, pois pode facilmente se tornar uma erva daninha.

Como planta medicinal, a cavalinha é muito utilizada aqui no sul do Brasil. Suas qualidades diuréticas e adstringentes são amplamente apreciadas. Combate as afecções dos rins e da bexiga, as hemorragias nasais, a diarreia e a anemia, e ainda ajuda na calcificação de fraturas e na eliminação de ácido úrico.

Para isso, deve ser preparada em forma de chá por fervura, na proporção de uma colher (de sopa) de suas hastes em pedacinhos, em água suficiente para uma xícara média. Recomenda-se tomar uma ou duas xícaras médias cada dia. ●



Obras consultadas:

PANIZZA, S. *Plantas que curam*. IBRASA, São Paulo, 1998³.

LORENZI, H. & MATOS, F.J.A. *Plantas medicinais no Brasil*. Instituto Plantarum, Nova Odessa (SP), 2008².

PAPILLON

Meu nome é liberdade. Papillon, como me chamam, significa isso, em francês: liberdade. Era livre e jovem, quando eles vieram me buscar. Me arrancaram da cama, me arrastaram pelo solo, dilaceraram minha carne, ofenderam minha história, conspiraram minha alma. Fui obrigado a enfiar a vida pelas tripas e me alimentar de água suja, de imundícies, de vermes e de insetos.

Sou, quem sabe, ou sou com toda a certeza, menos que um homem, menos que a imundície que me rodeia e menos que os vermes e insetos que comi. E sou, ainda assim, homem, inseto, larva, e vivo ainda, porque a liberdade não pode morrer.

Quando, de noite, o céu dessa ilha paradisíaca (a que os demônios que me vigiam deram um nome infernal) se transforma em um imenso tapete de luzes, as mariposas despertam. O aroma embriagador das flores noturnas penetra o meu sono e me enche os pulmões. Abro minhas asas, levanto o vôo, atravesso os barrotes com que os demônios julgaram poder encerrar-me, navego pelas estrelas. Tantas estrelas, tantas estrelas como só pode ver quem conhece o fim do mundo.

Do alto de todos os sonhos vejo todos os homens de todo o universo, vejo suas fadigas, seus amores e suas dores, vejo as lágrimas e o suor, e nos seus olhos de escravos vejo as pesadas correntes que arrastam, e não me parece que sofrem menos que eu. Junto a eles vejo, também, o pobre e bom Dega, que dorme placidamente em sua rede ao relento, o bom e único Dega, que domou os pesadelos entregando-se sem peias aos braços do medo.

Olho as ondas do mar que vão e vem, que vão e vem, essas ondas ruidosas e terríveis, que não me vêem, mas que um dia me abraçarão em sua fúria e me levarão, a mim, Papillon, rumo à terra onde convivem as mulheres livres e boas e as mulheres tolas e más.

Pisco um olho a Dega, mas ele não vê, dorme profundamente. Com os cocos? pergunta. Montado em sacos de cocos, como em um cavalo marinho? pergunta, rindo, incrédulo ainda, por muito que lhe grite e torne a gritar-lhe, do ponto mais recôndito dos céus, que não, amigo Dega, não, não e não, a mim não me dobraram, a mim não me podem aniquilar, no meu peito trago gravada com tinta indelével a palavra sublime que me metamorfoseia em homem toda vez que eles tentam me converter em inseto.

Vôo ainda mais alto, mais alto, entre os astros de outra galáxia, e vejo que Dega sorri, talvez porque finalmente tenha entendido, ou quem sabe porque em sonhos sonha que voa comigo, enquanto lá embaixo as ondas do mar passam e passam, no ritmo exato da esperança.

Rindo de mim, disseram-me que esse lugar era a antessala do inferno, e que sair dela só dependia da minha vontade. E para provar o que diziam, ofereceram o chumbo e a pólvora, cegaram meus olhos, atravessaram com agulhas a minha pele. Mas nada conseguiram com isso, amigo Dega, e nada conseguirão jamais, nem que eles sejam milhões, nem que sejam bilhões e trilhões, nunca jamais conseguirão secar minhas asas, quebrar o meu vôo. Porque eu sou Papillon. E meu nome é liberdade.

[Manuel Firmo]

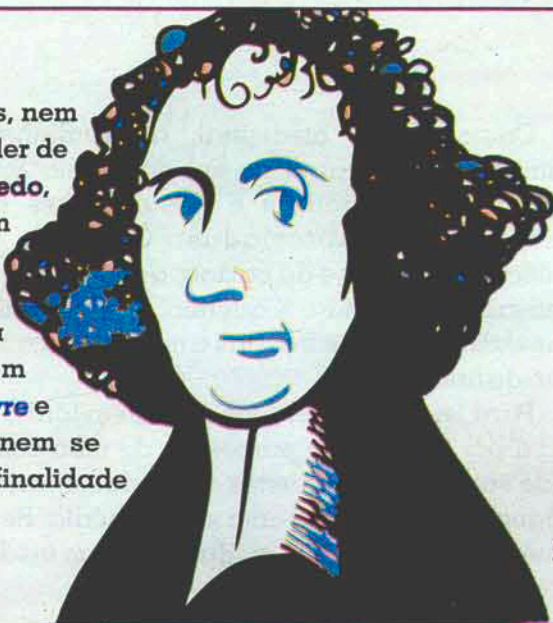


Henri Charrière (Papillon) nasceu em 1906, na cidade francesa de Saint-Étienne-de-Lugdarès. Pouco antes de completar 25 anos de idade, foi condenado à prisão perpétua com trabalhos forçados, por um crime que sempre negou ter cometido, e enviado à colônia penal da Guiana Francesa. Em 1944, depois de várias tentativas de fuga, conseguiu finalmente escapar, com outros quatro companheiros. Passou o resto de sua vida na Venezuela, onde obteve a nacionalidade em 1956. Escreveu em 1969 o livro (intitulado, como ele, *Papillon*) que lhe renderia enorme fama, sobretudo póstuma, depois de ser levado ao cinema por Franklin Schaffner, estrelado por Steve McQueen (Papillon) e Dustin Hoffman (Dega). Embora seu relato esteja recheado de aventuras trágicas e rocambolescas, algumas delas imaginárias ou inspiradas em outros prisioneiros, a história de Henri Charrière se tornou um símbolo da luta contra o tratamento desumano nas prisões do mundo inteiro. A colônia penitenciária da Guiana Francesa foi fechada em 1946 e os presidiários transferidos à França. Papillon morreu em Madrid, Espanha, em 1973, aos 66 anos de idade. O texto ao lado, de autoria do escritor catarinense Manuel Firmo, é uma tentativa de aproximar-se poeticamente à tragédia de H. Charrière. [M.F.] ■



filosofia de bolso

«O fim último [do Estado] não é dominar os homens, nem subjugar-los através do medo ou submetê-los ao poder de outro. Ao contrário, seu objetivo é **livrá-los do medo**, para que vivam, tanto quanto seja possível, em **segurança**. [...] O dever do Estado, repito, não é transformar os homens, de seres racionais, em bestas ou autômatos, e sim conseguir que sua alma e seu corpo desempenhem suas funções com segurança, para que eles se valham de sua **razão livre** e não se combatam com **ódios, iras** ou **enganos**, nem se ataquem com intenções malévolas. A verdadeira finalidade do Estado é, portanto, a **liberdade**.»



Baruch de Spinoza (1632-1677)
Tratado Teológico-Político

